

06 – 15
nov. 2026

20ª EDIÇÃO

Sophie Letourneur

Retrospectiva

leffest
NOS lisboa
film festival

www.leffest.com

Sophie Letourneur

Retrospectiva

Índice

5 Sophie Letourneur – Viver à segunda
ÁLVARO ARROBA

9 *La Vie au ranch* 2010

13 *Le Marin masqué* 2011

15 *Les Coquillettes* 2012

19 *Gaby Baby Doll* 2014

21 *Énorme* 2020

23 *Voyages en Italie* 2023

25 *L'Aventura* 2025



Sophie Letourneur
Viver à segunda

Há uma cena que antecede o cinema em Sophie Letourneur, muito antes de a cineasta gritar: "Acção!". Meses antes, liga um gravador. Pode estar à mesa com umas amigas, num carro, de férias, no meio de uma conversa de casal ou perto de crianças. Depois, segue-se um trabalho de montagem bem mais complexo do que a aparente modéstia desse material sonoro faria supor: frases mutiladas, gaguejos, silêncios incómodos, interrupções, vozes que se sobrepõem. Como quem reduz uma sinfonia ao tutano, Letourneur organiza e transcreve esse material e, por vezes, leva os actores a reproduzi-lo com uma precisão quase musical. No fim, parece que ninguém estava a representar.

Para além de um método, há aqui um paradoxo, e são poucas as películas francesas contemporâneas que produzem uma impressão tão imediata de presente através de um processo tão meticuloso de reconstrução. A naturalidade é, afinal, uma falsificação laboriosa. Quando, na altura da morte de Jacques Rozier alguns críticos o apontavam como a maior influência subterrânea do cinema francês, salpicavam Letourneur, entre outros, com as ondas das férias de Verão.

Sophie Letourneur chegou ao cinema vinda das artes plásticas e do vídeo, reconhecendo desde cedo a importância que *Récréations*, o filme de Claire Simon sobre um recreio escolar, teve no seu percurso. Compreende-se hoje melhor o porquê: escutar os outros antes de os inventar. Há algo de entomológico na sua forma de observar e registar a amizade,

os enamoramentos, o aborrecimento e aquela verborreia viciada, de pescadinha de rabo na boca, que surge quando várias pessoas passam demasiado tempo juntas. Grande parte da sua arte reside na forma como desvela e aclara esses ruídos familiares (nos seus filmes, como nos de Berlanga e Altman, ouvem-se todas as frases das personagens que falam ao mesmo tempo) para os transformar numa espécie de *gag* discreto. Através da montagem, a entomologia transforma-se em comédia.

Os seus filmes estão repletos de assuntos cuja importância objectiva é discutível. Uma amiga que se envolveu com alguém novo, outra que deixou de lhe confiar os seus segredos, uma viagem a um festival… Uma mulher que não quer passar uma noite sozinha, um casal que hesita entre a Sicília e a Sardenha, uma criança que precisa de fazer cocó no pior momento possível... O tratamento formal é, em geral, desproporcionadamente sério, de tal modo que a insignificância dos acontecimentos acaba por gerar uma comicidade muito particular.
A comparação pode parecer um pouco inusitada, mas é como se Howard Hawks tivesse aplicado a concentração espácio-temporal de *Rio Bravo* para decidir em que restaurante da Sicília a família vai almoçar.

Daí também a importância dos grupos. Durante anos, *La Vie au ranch* foi o filme mais emblemático de Letourneur, porque poucas vezes o cinema recente tinha registado com tanta precisão a sonoridade de um grupo de amigas. Aquelas jovens falam, gritam, comem, dançam, telefonam e atropelam-se umas às outras nas palavras, até quase formarem um só animal colectivo. Em *Les Coquillettes*, o bando reduz-se a três cineastas em viagem a Locarno, e o festival transforma-se numa espécie de prolongamento universitário das suas conversas sentimentais. Em *Le Marin masqué*, resta apenas um par de amigas e em *Voyages en Italie*, o procedimento circunscreve-se já ao espaço conjugal. A cada filme, o círculo vai-se fechando um pouco mais.

O parentesco com Jacques Rozier, insista-se, é bastante natural. Férias, comboios, automóveis, pequenos naufrágios, personagens que viajam para sair da rotina e acabam por se deixar enredar nela, variações minimais em torno de *Maine Océan*. Também Jean Rouch aparece nesta linhagem, sempre que Letourneur faz do real uma matéria capaz de contaminar a ficção. Mas a relação que os seus filmes estabelecem com o som é ainda mais maníaca: uma conversa pode adquirir a precisão de uma partitura de música contemporânea sem perder nenhum dos ruídos próprios de uma conversa banal.

Esta obsessão de Letourneur introduz uma questão curiosa em torno do tempo. As gravações pertencem a um determinado momento; os filmes, porém,

chegam sempre muito mais tarde. *L'Aventura,* por exemplo (a sua segunda incursão pelas férias em família, com títulos dos clássicos do cinema de autor italiano), parte de umas férias familiares registadas anos antes. Quando os actores repetem aquelas conversas, já existe uma distância entre quem eram então e quem se tornaram entretanto. Mesmo quando Letourneur se interpreta a si própria, "Sophie" começa a adquirir os contornos de uma personagem documental do passado.

Os filmes de Letourneur acabam, assim, por se converter em dispositivos bastante sofisticados, quase experiências que demonstram a impossibilidade do sossego. As raparigas de *Manue bolonaise* começam a deixar a infância para trás; as jovens de *La Vie au ranch* dispersam-se; em *Gaby Baby Doll*, a solidão torna-se insuportável; *Énorme* introduz brutalmente uma criança na vida de um casal; *Voyages en Italie* mede o desgaste conjugal; *L'Aventura* acompanha uma família cujos filhos já começam a afastar-se dos pais. E enquanto tudo muda, alguém continua a registá-lo.

Isto talvez explique o aspecto artesanal frequente no cinema de Letourneur. As câmaras pequenas, as equipas reduzidas, os amigos e familiares e as conversas roubadas da própria experiência criam uma falsa impressão de modéstia. Por trás dessa aparência, esconde-se uma organização formal rigorosa. Em *Énorme*, chega-se ao ponto de cruzar actores profissionais com médicos e parteiras filmados meses antes; em *L'Aventura*, a criança pode surgir dissociada da sua própria voz. Em alguns filmes, os intérpretes chegam a memorizar conversas reais e a reproduzi-las com uma precisão quase musical – um procedimento que, salvaguardadas as distâncias, evoca o trabalho de Straub e Huillet com os textos de Pavese, ou o de Víctor Erice em *Vidros partidos* –, fixando palavras, pausas e respirações até as incorporar no corpo do actor. A precariedade tecnológica convive alegremente com procedimentos de laboratório.

Letourneur foi construindo, assim, uma das comédias humanas mais singulares do cinema francês recente. Uma obra em que parece nunca acontecer grande coisa, enquanto acontecem as coisas fundamentais: mudar de amigos, desejar alguém, ficar sozinho, apaixonar-se, falhar, deixar de falhar, ter filhos, cansar-se, viajar, regressar. Até as férias chegarem ao fim. Talvez seja por isso que Letourneur regista tanto. Porque, quando a vida finalmente ganha forma, já passou, numa variação daquela célebre frase de John Lennon.

Álvaro Arroba



La Vie au ranch

Realização: Sophie Letourneur · Argumento: Sophie Letourneur, Delphine Agut · Fotografia: Claire Mathon · Montagem: Michel Klochendler · Som: Maxence Cyrin · Música: Benjamin Siksou · Interpretação: Sarah-Jane Sauvegrain, Eulalie Juster, Mahault Mollaret, Elsa Pierret · Produção: Ecce Films, Rezina Productions
2010 · França · 92 min · Inédito comercialmente em Portugal

· Festival de Roterdão 2010
· Festival de Cannes 2010

O "Ranch" é o apartamento parisiense que Pam e Manon, ambas na casa dos vinte anos, partilham, mas não são as únicas. Lola, Chloé, Jude e Olympe passam lá grande parte do tempo, apertando-se no sofá para fazer aquilo que fazem as raparigas de Paris e de tantas outras cidades: beber, fumar, dançar e conversar. Sobretudo conversar, antes, durante e depois de sucessivas festas que parecem prolongar-se numa única e longa celebração (com uma única e longa ressaca). As raparigas falam torrencialmente sobre os seus corpos, sobre homens e sobre banalidades, até perderem a voz. Na sua primeira longa-metragem, de uma liberdade invulgar, Sophie Letourneur renova a tradição francesa dos diálogos intermináveis, fazendo-os soar quase como música de fundo para um olhar rigoroso e desprovido de complacência sobre a feminilidade, ou, mais precisamente, sobre a dinâmica de um grupo de mulheres na passagem de uma idade para outra. Com uma câmara inquieta, *La Vie au ranch* traça um retrato hiper-realista, a meio caminho entre a comédia romântica juvenil (*chick flick*) e a etnografia documental. Como já foi dito, "consegue mostrar certos aspectos de uma idade muito específica sem precisar de os explicitar".

Agustín Masaedo



Sophie Letourneur
em entrevista a Giovanni Marchini Camia
(Bomb)

GMC: ***No final dos créditos, incluiu a mensagem "com uma recordação nostálgica do grupo que éramos". Até que ponto é que*** **La Vie au ranch** ***se baseia nas suas experiências pessoais?***

SL: O impulso inicial para contar esta história está ligado a acontecimentos que realmente ocorreram, ou seja, quando deixei de viver com um grupo de amigas. Quanto às personagens, são totalmente baseadas em pessoas que conheci. Eu vivia num apartamento partilhado com a minha melhor amiga, com quem tive uma desavença; fomos todos de férias, tal como acontece no filme; e há até coisas no filme que retirei directamente de vídeos e gravações que tinha feito na altura. Todo o guião foi praticamente construído em torno das minhas memórias, seja a partir de recordações, seja a partir desses documentos que eu tinha criado. Gravei muitas coisas naquela altura. Há até sequências inteiras no filme que são reconstruções de diálogos que eu tinha gravado.

GMC: ***Até agora, sempre trabalhou com temas altamente pessoais. Isso é fundamental para si ou consegue imaginar-se a trabalhar, no futuro, em histórias que se afastem completamente da sua experiência pessoal?***

SL: Na verdade, acabei de co-escrever um guião, que me levou três anos a concluir, e, embora me sinta muito próxima do tema, não é de todo inspirado nas minhas próprias experiências. Em última análise, está sempre relacionado comigo de alguma forma; consigo sempre, de alguma maneira, identificar-me com as minhas personagens, mas acho que isso acontece com muitos realizadores. Não conseguiria escrever algo que estivesse demasiado distante da minha própria personalidade, sobre um tema que me fosse completamente alheio.



Le Marin masqué

Realização: Sophie Letourneur · Argumento: Sophie Letourneur, Roy Genty, Laetitia Goffi · Fotografia: Ludivine Renard · Montagem: Carole Le Page · Som e música: Laure Arto, Florian Fabre & Carole Verner · Interpretação: Sophie Letourneur, Laetitia Goffi, Johan Libéreau · Produção: Ecce Films
2011 · França · 35 min · Inédito comercialmente em Portugal

- **Festival de Locarno 2011**
- **Festival Côté court de Pantin 2011 – Grande Prémio, Prémio da Imprensa, Prémio do Júri Jovem**
- **Festival Internacional de Curtas-Metragens de Clermont-Ferrand 2012 – Prémio Procirep**
- **Festival de Roterdão 2012**

Uma viagem louca de duas amigas à Grã-Bretanha converte-se num hilariante e patético *road movie*. Sophie (Letourneur) e Laetitia (Goffi), ambas na casa dos trinta, partem de Paris na esperança de encontrar o "marinheiro mascarado", o primeiro grande amor de Laetitia. E falam, falam, falam. Trivial, hilariante, autocrítico e sempre preciso, com os diálogos inigualáveis que constituem a marca distintiva de Letourneur, *Le Marin masqué* tem o fulgor dos primeiros filmes de Godard, Rozier ou Eustache.

J. B. Morain


and the
sandman
A FILM BY PETER LUISI
atrixfilms

Les Coquillettes

Realização: Sophie Letourneur · Argumento: Sophie Letourneur · Fotografia: Antoine Parouty · Montagem: Jean-Christophe Hym · Som: Pascal Ribier, Carole Verner · Música: Thibault Deboaisne · Interpretação: Camille Genaud, Carole Le Page, Sophie Letourneur
Produção: Ecce Films, Rezina Productions, Ad Vitam
2012 · França · 75 min · Inédito comercialmente em Portugal

· Festival de Locarno 2012

Uma realizadora apresenta uma curta-metragem no Festival de Cinema de Locarno. Durante a sua estadia, dedica-se também à rodagem de uma longa-metragem, na qual participa como actriz. No ano seguinte, apresenta o filme no mesmo festival. Este não é o argumento de *Les Coquillettes*, mas apenas a informação sobre a sua rodagem e estreia. *Les Coquillettes* decorre durante um festival real e é, também, um filme festivo: acompanha três amigas que vão a um festival de cinema para se divertirem, irem às festas e procurarem romances, aventuras e sexo. Também vêem alguns filmes e conversam sobre cinema (chegamos mesmo a ver Olivier Père, director do Festival até 2012, a interpretar-se a si próprio). Uma das amigas é louca por Louis Garrel, as outras vivem peripécias amorosas mais distantes do fascínio pelas celebridades. Entre conversas sobre sexo, cumplicidades, álcool e a comida que se consegue arranjar com um orçamento apertado, *Les Coquillettes* aposta no humor e na leveza: uma ressaca feliz, fresca, efervescente e familiar.

Javier Porta Fouz





Sophie Letourneur em entrevista a Emma Myers

(Film Comment)

SL: O filme está escrito na íntegra, palavra por palavra. Por isso, as duas dimensões temporais já estavam presentes no argumento. As passagens em *voiceover* também tinham sido definidas antes das filmagens. É a mesma estrutura que utilizei em *Le Marin masqué.* Mas, nesse filme, há apenas uma voz a contar a história, sem imagens que mostram o momento em que é narrada. Desta vez, quis filmar também esse momento: as três raparigas no apartamento. Mas era muito importante para mim que as vozes se sobrepusessem às imagens de Locarno. Todo o trabalho de som foi realizado depois das filmagens, e foi muito estimulante criar a mistura entre os diálogos em Locarno, as vozes das três amigas a contar a história no apartamento e todos os ruídos do real. A história é sobre o ritmo e do tempo; foi como compor música.

EM: ***Dá mais trabalho fazer com que tudo pareça tão natural?***

SL: Sim. Como trabalho com pequenos pormenores do quotidiano – coisas microscópicas –, tudo tem de parecer muito natural para ser interessante. Só se chega ao natural através de um trabalho de grande precisão. Depois de terminar os estudos, fiz algum trabalho documental e percebi que não estava a conseguir mostrar aquilo que sentia em relação ao real. A construção é a única forma de mostrar verdadeiramente o que sinto e o que vejo nele. A história é muito subjectiva, mas muitas pessoas conseguem reconhecer a maneira de ser destas raparigas. Para alcançar essa precisão, tive de trabalhar muito o argumento, de modo a tornar as situações quase híper realistas.



Gaby Baby Doll

Realização: Sophie Letourneur · Argumento: Sophie Letourneur, Anne-Louise Trividic · Fotografia: Jeanne Lapoirie · Montagem: Jean-Christophe Hym, Michel Klochendler · Som: Michel Klochendler · Música: Jeong Yong-jin · Interpretação: Lolita Chammah, Benjamin Biolay, Félix Moati · Produção: Ecce Films
2014 · França · 88 min · Inédito comercialmente em Portugal

· Festival Entrevues 2014

Depois de tantos filmes dedicados à escuta dos grupos, Letourneur deixa uma mulher entregue à solidão, talvez o pior castigo imaginável para Gaby. Lolita Chammah interpreta uma jovem incapaz de dormir sem companhia, que chega ao campo com uma recomendação médica: aprender a suportar a sua própria companhia. O ambiente rural, os caminhos, um castelo e Benjamin Biolay, o seu guarda taciturno, convertem o filme numa espécie de conto de fadas um pouco desfigurado.

A solidão transforma até a própria *mise en scéne* de Letourneur. À acumulação de corpos e vozes sucedem-se os percursos, os quartos vazios, as esperas, as entradas e as saídas. Chammah tem algo de personagem burlesca, simultaneamente elegante e descomposta, sempre à beira de se apresentar onde ninguém a convidou. É talvez o filme mais melancólico da realizadora e também um dos mais físicos. Gaby caminha, come, dorme, procura outros corpos. Na ausência de um grupo à sua volta, Letourneur transfere a comicidade da sobreposição de vozes para o corpo de Gaby.

Álvaro Arroba



Énorme

Realização: Sophie Letourneur · Argumento: Sophie Letourneur, Mathias Gavarry · Fotografia: Laurent Brunet · Montagem: Jean-Christophe Hym · Som: Guillaume Le Bras, Joseph De Laâge · Interpretação: Marina Foïs, Jonathan Cohen, Jacqueline Kakou, Ayala Cousteau, Victor Uzzan
Produção: Avenue B Productions, Vito Films
2020 · França · 98 min · Inédito comercialmente em Portugal

· Festival de Roterdão 2020
· Prix Jean Vigo 2020

Um marido decide que quer ter um filho. A mulher, uma pianista de sucesso, decidiu precisamente o contrário. Frédéric manipula as circunstâncias até Claire engravidar. Partindo desta premissa deliberadamente incómoda, Letourneur constrói o seu filme claramente mais farsesco, e também aquele em que entra de maneira mais literal dentro dos corpos. Marina Foïs e Jonathan Cohen deslocam-se por espaços onde grande parte dos profissionais de saúde interpreta o seu próprio papel. Letourneur filmara consultas reais, completando posteriormente algumas cenas com os actores, integrados através de campos e contracampos rodados em momentos distintos. A montagem fabrica um diálogo entre ficção e documentário que nunca chegou a ter lugar. A ideia é formidável porque acompanha o próprio tema do filme. A gravidez começa por ser uma abstracção – a expressão do desejo desmedido de Frédéric –, mas ganha progressivamente peso, volume, sangue, médicos e cansaço. Pouco a pouco, o corpo de Foïs derrota qualquer fantasia masculina sobre a maternidade. O desfecho devolve a comédia a uma dimensão elementar. Respirar, empurrar, esperar, ao som do *Concerto para Piano* de Ravel (*"a música que Marina toca durante todo o tempo do filme"*, nas palavras de Letourneur). Depois de tanta construção cinematográfica, o nascimento impõe finalmente as suas próprias regras e a sua própria encenação.

Álvaro Arroba



Voyages en Italie

Realização: Sophie Letourneur · Argumento: Sophie Letourneur, Laetitia Goffi · Fotografia: Jonathan Ricquebourg · Montagem: Sophie Letourneur, Laetitia Goffi, Thomas Glaser · Som: Charlotte Comte · Interpretação: Philippe Katerine, Sophie Letourneur, Guillemette Coutellier, Mahault Mollaret, Philippe Letourneur · Produção: Tourne Films, Arte France Cinéma
2023 · França · 91 min · Inédito comercialmente em Portugal

· Festival de Roterdão 2023

Pode uma escapadinha de fim-de-semana reacender a paixão entre duas pessoas? Desgastado pela rotina, um casal decide viajar até à Sicília na esperança de recuperar algo do romance perdido.

Nos casais do cinema, sejam eles célebres ou não, está sempre em jogo a vertigem do desassossego, das aventuras delineadas pelos traços fugazes da culpa ou da resignação, ou então, o miasma da repetição, os sonhos de fuga, a melancolia da sobrevivência. A realizadora parte de uma situação familiar para construir, com mão de mestre, uma série implacável de pequenos *gags* existenciais: o que faz um casal com anos de vida em comum quando vai de férias? Cada um faz o que pode. Mas o que é extraordinário, é a espantosa capacidade de Letourneur para que as piadas secas do filme pareçam suspensas sobre uma teia de rimas, perplexidade e incerteza, tão cómica quanto, no fundo, subtilmente aterradora. Um casamento de muitos anos pode também constituir um acontecimento dramático de primeira ordem.

David Obarrio


Equalit

L’Aventura

Argumento: Sophie Letourneur, Laetitia Goffi · Fotografia: Jonathan Ricquebourg · Montagem: Sophie Letourneur · Som: Carole Verner · Música: Laure Arto, Carole Verner · Interpretação: Philippe Katerine, Sophie Letourneur, Bérénice Vernet, Esteban Melero, Carmen Letourneur · Produção: Atelier de Production, Tourne Films
2025 · França · 107 min

· Festival de Cannes 2025, ACID

Uma continuação de *Voyages en Italie*. Uma família de férias na Sardenha parece matéria perigosa para qualquer cineasta: refeições intermináveis, discussões, carros, praias e crianças. Sophie Letourneur leva anos a preparar-se para essa hecatombe. As vozes, como já vimos, provêm de umas férias reais, registadas anos antes. Letourneur trabalhou esse material como quem compõe uma partitura, antes de o reconstituir com Philippe Katerine, Bérénice Vernet e ela própria. Daí resulta uma curiosa duplicidade temporal: vemos uma família de férias e, simultaneamente, a memória dessas mesmas férias. O filho mais novo (que lufada de ar fresco as crianças neste filme) é fundamental para esta dinâmica. Fala, pergunta, interrompe, exige, precisa de ir à casa de banho. O ruído que produz ocupa o filme de tal modo que, quando finalmente adormece, a paisagem sonora da Sardenha irrompe de súbito. “O cinema sonoro inventou o silêncio.”

Também a filha mais velha está a mudar. Tem aproximadamente a idade das raparigas de *Manue bolonaise*. Começa a olhar para os pais com uma certa distância e, pela primeira vez, participa na narração. Vinte anos depois, Letourneur regressa àquele território a partir do lado contrário: agora, a filha pertence ao grupo dos adultos de quem as crianças começarão a afastar-se. O novo título rouba um “v” a Antonioni e apropria-se alegremente do prestígio de *L’Avventura* para umas férias em que o acontecimento fundamental pode ser apenas uma ida à praia ou a procura de uma casa de banho. Mas, sob esta comédia doméstica, espreita algo mais triste: aquela família que o filme mostra já pertence, de certo modo, ao passado. O gravador cumpre, assim, a função que sempre teve no cinema de Letourneur: captar um fragmento do presente antes que este se transforme noutra coisa.

Álvaro Arroba

Sophie Letourneur sobre L'Aventura

(Cahiers du cinéma)

Concebi *Voyages en Italie* (estreado em 2023), *L'Aventura*, cuja montagem estou a terminar com a ajuda de Yann Dedet, e um terceiro capítulo, ainda em fase de escrita, *Divorce à l'italienne*, como um todo, a partir de gravações pessoais feitas em 2016 com o meu companheiro e os meus filhos. Tenho um método particular: filmo uma maquete nos locais reais (desta vez, na Sardenha), em que cada plano é interpretado por pessoas que não são os actores. Depois, monto e condenso esse material até chegar a um argumento com diálogos.

Há muito tempo que queria filmar crianças e, em particular, essa espécie de monstro que é a intimidade de uma família em férias, com o seu cansaço, a sua violência, a sua crueldade: quase uma viagem psicadélica, uma alucinação do quotidiano. Embora parta de material pessoal, depois de retrabalhado, este transforma-se em algo muito diferente de um arquivo. Hoje, tenho uma leitura diferente das razões que me levaram a fazer este filme. É a história de um pai (Jean-Fi, interpretado por Philippe Katerine) que procura constantemente escapar ao seu papel de pai para poder ser apenas um homem sozinho, nem que seja por cinco minutos, para estacionar o carro. Interpreto a mãe, o que me permite, tal como em *Voyages en Italie*, dirigir a partir de dentro: através do meu sistema de auricular, ouço-me a mim própria, como um músico que toca em *playback*.



L'Aventura

A rodagem foi curta, lúdica, com uma equipa reduzida (duas pessoas na imagem, duas no som, quatro assistentes) e meios modestos. Fui eu própria que coproduzi o filme com o Atelier de Production, sem conseguir o apoio do adiantamento sobre receitas nem financiamento da Arte. Talvez estas entidades, que me tinham apoiado em *Voyages*, tenham pensado que uma sequela seria mais do mesmo. Mas não é assim: venho das artes plásticas, gosto de construir, de encontrar uma nova forma para cada objecto. Embora também conte a história de umas férias, *L'Aventura* é formalmente muito diferente do meu filme anterior, mais contemplativo. Tinha gostado da longa cena na cama em *Voyages*, filmada em 35 mm e que contrasta com o resto do filme, rodado com uma câmara de vídeo. Por isso, senti-me tentada a filmar tudo em película, mas acabei por me deixar convencer por uma excelente câmara digital, a Sony Burano, e estou muito satisfeita com a imagem e com a flexibilidade que me proporcionou para filmar com as crianças. Filmei em planos fixos, muitos deles fechados, e montei campos e contracampos segundo o princípio de *Énorme*, articulando por vezes documentário e ficção, graças aos pais de Estéban, o mais novo dos dois filhos, que me ajudaram em cada cena.

A partir das 70 horas de material filmado, fiz uma primeira montagem bruta de 3h40 e, embora esteja habituada a montar sozinha, sentia-me esmagada pela complexidade do tema e pela minha proximidade com aquele material. As novas escolhas feitas com Yann Dedet levaram-nos a privilegiar cenas menos fragmentadas. Como a acção nem sempre está no diálogo, apesar de se falar constantemente, é um alívio poder transformar as palavras num som de fundo, num fluxo. Yann foi sensível à actividade física da mãe e da filha, à maneira como falam uma com a outra, como se olham, ao que se passa "no fundo das suas cabeças", como ele diz. Ajuda-me a encontrar as durações certas para manter a tensão entre os planos de ficção e aqueles que são filmados como um documentário, preservando a intensidade dos afectos. Com crianças, é fácil cair na ternura fácil ou no naturalismo. Como Yann observa, é um filme de montagem pura, ao qual poderíamos dedicar anos.

Depoimento recolhido por Charlotte Garson

leffest
NOS lisboa film festival
20ª edição

Coordenação, escolha das entrevistas e revisão: António M. Costa
Textos: Álvaro Arroba, Agustín Masaedo, J. B. Morain, Javier Porta Fouz e David Obarrio
Traduções: Cátia Rodrigues e Gonçalo Mata

Agradecimentos:
Álvaro Arroba e BAFICI – Buenos Aires Festival Internacional de Cine Independiente,
pela cedência dos textos

Design e paginação: Catarina Sampaio e André Carvalho

Esta publicação acompanha a retrospectiva dedicada a Sophie Letourneur,
que integra o programa do LEFFEST – Lisboa NOS Film Festival 2026

Leopardo Filmes | LEFFEST – Lisboa NOS Film Festival ©2026
Travessa das Pedras Negras, nº 1, 5º andar, 1100-404 Lisboa, Portugal

www.leffest.com

LISBOA CÂMARA MUNICIPAL · Turismo de Lisboa · LISBOA CULTURA · REPÚBLICA PORTUGUESA CULTURA, JUVENTUDE E DESPORTO · ICA INSTITUTO DO CINEMA E DO AUDIOVISUAL



www.leffest.com

Parceiros Institucionais

Companhia Aérea Oficial

Viatura Oficial

Hotel Oficial

Parceiros de Programação

Parceiros